

CONFISSÕES

de Vital Corrêa de Araújo

SUMÁRIO

Nota

Confissões de Vital Corrêa de Araújo

A poesia de Vital Corrêa de Araújo

Desvalor poético

Primeiras confissões

Últimas confissões

...

NOTA

Resolvi confessar.

Inicialmente rebusquei meus confins todos os escaninhos do id, do armazém de sombras que é o ser escancarei as portas, flanqueei-me sem trégua ou pena, até a nudez da máscara.

Abri, violei, estripei (tábua a tábua) todos os armários e quartos solitários do eu à luz da verdade do indivíduo e da espécie.

Expus-me todo. Fui a fundo sem piedade ou pejo.

Confesso tudo, não só às paredes e tapumes da alma, mas ao leitor valioso e à curiosa leitora. Confesso, sim, tudo a todos de cima a baixo com mácula e impiedade.

Confissões de Vital Corrêa de Araújo me põe a nu.

Confissões de Vital Corrêa de Araújo

Por ele mesmo

O que se espera do poeta hoje, como o bem afirmava Cabral, “é que se pareça a ninguém e contribua com uma expressão pessoal”.

Produzi, desde *Título provisório*, a inicial coletânea de poemas (premiada em Natal – RN), algo (multiplicado por *Burocracial* até *Ave sólida e Ora pro nobis scania vabis, Confissões e Só às paredes confesso*) pessoalíssimo, de uma singular expressão, diferindo absolutamente de qualquer outra poesia brasileira do último quartel do século XX. Mantive a fidelidade a um estilo realmente ímpar (não abranjo nessa alegada inediticidade estilística valores, axiologicamente não me pronuncio nem o poderia no sentido de dizer que minha poesia, a que pratico fielmente, é melhor ou pior do que outras contemporâneas). Apenas, digo, sou contemporâneo de mim mesmo e reflito o meu tempo, minha palavra imita a voragem de hoje e resume a perplexidade que nos assombra, inconscientemente ou não, a todos desigualmente.

César Leal foi patente, firme e conseqüente, quando disse ser Vital Corrêa de Araújo quem melhor utiliza o versolibrismo no Brasil.

Meu hermetismo poético é lendário porque irreduzível. E por demais desprezado, aviltado, dardeombrado, cáustico, indoutrinário, adjetivamente substantivo. Os que amam a poesia em estado de facilidade me detestam com redobrada razão. E a eles presto triste preito.

Confesso isso em *Confissões*. Não resisti. Me abri, torneiras, comportas, eclusas, porteiros, cancelas, paredões de açudes, crateras, urnas, bocetas de pandoras, tudo aberto como uma mulher bela, tudo em copas e braços estendidos, como naipe de cartas nas mãos de um pipafista.

Abri as portas tão cerradas do hermetismo. A senha dos vitais hieróglifos flanqueei.

Como Cabral, dei “um tiro nas lebres de vidro do invisível” e cultivei “o deserto como um pomar às avessas”

Como sempre fiel ao coração poético, usina do rubro lume e da seiva escura da poesia, proscrovo toda emotividade romântica, pois sou um poeta de alma seca e a mínima emoção faz tremer a mão e estraga o poema.

Sou real e felizmente incomunicável como poeta.

Daí o meu doloroso sofrimento insular, a certeza de que como poeta sou uma ilha (Donne que me perdoe), um desolado rincão perdido no mar de palavras de mim mesmo (que Eliot não escute), um autor para quem tudo foi naufrágio (na Isla Negra e cigana de Lorca e Neruda, irmãos).

Minha poesia, como o sol dos desertos, choca os ovos do mistério que fecunda as palavras.

Como poeta, sou único: não me consagro ao trabalho, não sou ourives de palavra, oleiro do verbo, escravo da expressão, noctívago em busca de um adjetivo, do mot(e) perfeito, perito da precisão vocabular, etc, nem sou espessor de emoções, sujeito a hemorragias líricas, a derrames palavrosos escorados na emoção. Repito: sou poeta de alma seca. Só escrevo frio. Gelado da emotividade que desnorreia tudo o que seja poético.

O leque de temas, em mim, é falso, louco, fantasma.

Meu tema é um só: a palavra (ou a página como alma do verso). Sou plural e singular, isso sim! Sempre.

Minha poesia é inútil por isso necessária. Já o prevenira num ensaio: Poesia inútil e necessária (publicada nos anais da Festa Literária de Garanhuns, em 2007).

Sou bem confessável. Porque não tendo o que esconder em poesia. Exponho com fraturas e tudo o fêmur (e seu rumor branco) de minha hermética palavra poética. Para uso exclusivo de todas as in/sensibilidades.

Rosto e máscara para mim são iguais em poesia.

Louvo a bacia do meu id cheio a que tenho íntimo (e ímpio) acesso. Os silos da culpa e arsenais duvidosos, palheiros e paiós crepusculares me são essenciais e impuros.

Detesto diligências críticas, teorias do significado, investigações semióticas, cautelas hermenêuticas, atrozes buris que visem descriptalizar-me poeticamente esvaziando minhas incursões no mistério da poesia.

Tudo o que criticamente caberia dizer sobre mim o disse o mestre absoluto Sébastien Joachim no livro *O destino poético de Vital Corrêa de Araújo* (Bagaço/IMC – Recife-PE).

Sou impugente. Meio malcriado (com Deus também, mas principalmente com o outro, rimbaldiano de carteirinha, fanático por Séferis e Valéry). Cultuo CDA, Murilo Mendes, Jorge de Lima.

Nunca hesito entre o som e o sentido. Alitero muito e não gosto de sentido. Nem dos meus.

Sébastien Joachim foi incisivo: “A intenção de Vital é derrubar o significado”.

Ressalvo: os confessionários patéticos não apoio.

As flácidas, pálidas, anêmicas e coitadas utopias não mais me tentam como antes. Me desostento o mais (im)possível.

Sou do presente. Não acredito no futuro mediato.

A usura hoje funciona tão bem, por que mudar (mesmo o natal)? Ou o poeta?

Como está ficando cada vez mais chato ser eterno (não é moderno) resolvi ser neoposmoderno.

Não sei (mas saberei) quantas voltas tem um parafuso de palavras, escreverei tal cálculo verbo advérbio e publicarei no Times.

Sou inumerável, imetódico, pouco seminal (só dois filhos) animal e minimal, haicaista heterodoxo e ... poeta por concurso. (Portanto, constitucional).

Amo o vazio dos conteúdos poéticos. Sou impuro.

Sexagenário que sou não tem ainda retinas fatigadas.

Como CDA busco a forma absoluta. Sou cultor do monóstico. Mas sonho com o meio-verso (não verso inteiro).

A POESIA DE VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

Cláudio Veras

VCA copia Celan, para quem a obscuridade, o hermetismo sem freios, a obsessão pelo indizível, o cultivo do silêncio como significantes são imprescindíveis à poesia. Que é descrição interior.

Daí o crivo de matadouro da poesia vitaliana.
Nele, a discursividade é espécie literária extinta.
O discurso é eviscerado em postas de sentenças.

É também um mineiro que bateia na página gemas de palavras. E apura-se em vastas escavações de filões de arquétipos. Que arranca da alma. Ele nunca estereotipa.

Nele, flagra-se um trabalho infatigável de desconstrução vital.

E defronta-se uma realidade insignificante porque dotada de aparentes significados. De significâncias.

É prenhe sua construção poética, a estrutura e o alicerce de seu poema, de instabilidade de significados. Sua eclusa verbal compõe o sentido hermeticamente fechado. A vedação de sentido é radical.

VCA opera no sentido de verificar a pressão dos dias comerciais danificando o poético. Apesar das coisas e os seres, abrir e dissecar o estado do mundo.
Fazer refulgir e refluir, refletir e refratar o desejo e seus objetos.

No jogo de espelhos da palavra, Vital colhe fragmentos (que ele apoda de íntegros).

Em suma, sua poesia (como o Sr. Sébastien Joachim bem caracterizou, em seu esplêndido ensaio sobre VCA) ainda não está equitativa.

Pois é nova, recém plantada e colhida.
É lavoura do verbo nova. Messe ainda azul.

A morte precoce ou longa da poesia é que Vital defronta, encara, resolve.

Para ele, à tese de 1922 sobrepôs-se a antítese de 1945, e a síntese está por vir.

Na poesia de Vital Corrêa de Araújo o ponto alto é a histeria do progresso (econômico e moral). Histeria que vivemos escandalosamente parvos, inutilmente inocentes. Ingênuos como sempre.

Por que à práxis poética a análise dialética. Porque para VCA a modernidade poética brasileira (que teve seu apogeu em 1930) se exauriu a partir de 1945. Não queira isso dizer que não dispõe a Geração de uma plêiade excelsa de grandes poetas. Apenas que 1945 tomou outro caminho menos íngreme, desrumou. Apocalipsificou-se em estratos. Numa certa acomodação. Paz neoparnasiana. Mares devotos, sem ondas surpresas, navegar. Fora do alcance feroz do mar picado e tsunaminoso de Bandeira, Cabral, Cardozo, Murilo Mendes, CDA (muito ousados e ilimitados).

DESVALOR POÉTICO **(ou a forma desprovida da ratio artística)**

A atividade artística em geral reside e se consubstancia na criação da forma (ou das formas). Exerce-se tal ato no âmbito de um estilo que seja pessoal e irrevogável, mesmo irretratável. E nunca mecânico.

Em poesia, é norma a dissipação, a suspensão e mesmo a privação do sentido. O sentido não dá forma. Vice versa.

A nova sensibilidade poética que deveria grassar no Brasil está temporariamente apagada. Rasurada. Não aceita.

Eu e Rogério Generoso somos exemplos de uma poesia rebelada contra o estabelecimento poético reacionário dominante. Incrivelmente, os poetas brasileiros de hoje se submetem à recolonização parnasiana, desde 1945 em processo de seqüente revascularização lírica anacrônica.

Não racionalizo minha poesia em poemas conseqüentes e justos, porque ajustados à ideologia lírica dominante, porque resisto a sua adequação à linha de produção industrial da palavra em série ou matriz infecunda. A valorização econômica da rima, a mecânica métrica: Que são resquícios e peças do atraso cultural literário do Brasil. Museologismo do palavrório.

Sonetar é assumir a racionalidade formal como expressão geral dos valores universalizados de uma cultura poética imposta de cima para baixo como estratégia de impedir o desenvolvimento da poesia brasileira. Cujo progresso resultaria num aperfeiçoamento consciencial combatido. Num combatido ato contra o desvalor vigindo. Combatido porque inútil.

A sonetização produz coletividades passivas, impede a valoração pessoal do poeta, que, se sair do pântano geral da forma fixada, é ou repostado de volta estrangido ou se isola como rebelado inútil, numa ilha de seqüelas sólidas – de solidão indomável.

Todo empecilho será permitido. Toda tradição esclerosada benvinda.

A perda da dimensão individual, interior, em prol do sistema geral (e comunitário) da poética, empobrece a arte da palavra brasileira. E desvaloriza o espírito. Debulhando-o em desimagens lívidas.

(Os que dirão: o que ele quis dizer, são os de quem falo).

(Meu poema é para os não habituados.
Para os habituados não é poema).

Há um esforço clínico em coar e separar o poético certo, conseqüente, e o sublevado, inconsequente quase impatriótico porque ofensivo à língua (como pátria).

Tais como o vidro, o aço, a luz e suas velozes geometrias cortantes, agudas e os cristais antropófagos e laminados que ofendiam a velha arquitetura (bárbara de truísmos).

A reprodutibilidade técnica do soneto rasura a aura poética, impede o avanço emocional da palavra poesia em nossas veias sedentas do novo frêmito do sangue verbal. Que a poesia neoposmoderna traga.

A racionalidade estético-técnica ou funcional imposta ao se pregar a forma rija, o formato (o formol, o fórmico poético) poda a dimensão espiritual, retira a alma da palavra e a substitui pela pele do vocábulo. O nome dicionarizado – e certinho – reina incontestemente, prega-nos, como máscara, ao rosto.

A dimensão real da obra de arte literária, sua forma livre, aberta, embora rigorosa, foi perdida, sacrificada nos altares da técnica versificatória, nas aras da rima perfeita, quase sacra. Tudo resumido num pragmatismo político-estético-econômico com ares salvacionista de podres tradições literárias. Ressurreições de ossos já roídos (pelos irresistíveis ratos do tempo).

E desacreditam Hegel que afirmara: a figura artística deve se apresentar a nós como um deus íntimo (Seligen Gott).

Algo de cartesiano – como estratégia de alcance universal a nível de Brasil – ocorre e legitima a reprodução da forma (como forma reprodutiva, fértil). Eis em ato a máquina (produtora da forma) que denta em tiras a autonomia da criação, racionaliza e multiplica numa mesma bitola os poetas de agora. Esse maquinismo incivil funciona movido a combustível de rima, motorizado por moldes métricos rigidamente impostos pela máquina cartesiana da poesia brasileira. Poesia mecânica por excelência (e indefinição).

O sentido da arte (Ernest Fisher) como expressão de algo mais real que nós mesmos perdeu-se. Substitui-o a passividade de um sujeito servo do eu e devotado a suas deficiências e necessidades abusadas, mais materiais que espirituais. Eis o drama humano real transposto à poesia brasileira d'agora até quando (?).

CONFISSÕES

Já não sou mais viciado em fatias paridas
amêndoas doces, poema hermético.

Já não mais uso ceroula amarela.
Evoluí. Com a palavra. **VCA**

CONFISSÕES (DE MIM E DOS OUTROS)
OU DO CABIDE DA MEMÓRIA
ONDE DEPENDURO MEU EGO VÃO
OU IDEIAS BROTADAS UTILMENTE
DA BACIA DO INCONSCIENTE (DESBORDADA)
TINA QUE ADUBA DE ÁGUA CÔNICA
MESSE LÍQUIDA
HORTA DO OUTRO EM MIM
PARA QUE FRUTOS NÃO SE COMPADEÇAM
DA INSIGNIFICÂNCIA
DO MEU EGO PORTÁTIL
INVIRIL, ALCOCHOADO
DE ILUSÃO ESTÉRIL
COMO UM NÃO...
OU O SAL

PRIMEIRAS CONFISSÕES

Ébrios deuses aportam do meu rosto volúvel
começam ruidosa empresa
de acordar rios e veias
fluindo de mim.

Adio sílaba pressaga, unto
de argumentos macios ferida
que palavra abra no poema
(porque poesia é a palavra enlouquecida
e a loucura verbal não cessa
com morte transitória do poeta).

Quilha da loucura aponta
para mar do amanhecer impuro

água sóbria não a governa
apenas desancora
do cais da página.
(do poema Desâncora viva)

Encontrei CDA no meio
do meu caminho poético baldio
e pedregoso como arrecife ou abrolho.

Este é um país de pedra
orvalho vermelho
sal indômito (ou selvagem)
e musgo esquecido
na ladeira
em que lua não bata.

Não adules o poema, diz Drummond
nem o leitor dele, digo eu.

Tempo de ásperos homens (VCA)
e maus poemas (CDA).

Só blasfêmias
e atrocidades viris.
Só.

Fibrilas flutuando
alastrando-se como ervilhas curtidas
sobre cálcio iluminado
cravejando de asperezas e diásporas
cápsulas de espelhos cegos
enraizados na alma do poema.

Íngremes sais, silos de cios
suntuosos sumos (que me enleiam lábio turvo)
quilos de cevadas, cardumes de afetos
dilúvios de abismos, apogeus de genitais
tudo me devora no poema.

Montanhas de cios, bâtegas de ócios
abismos de luz corrêa de aráujo
dilúvios de sumos cavalcantis
resmas de sais albuquerques
acepipes, cipós, intrincados enxames de olhos
seda e pó, grosas de dantas barbosas
hóstias de ossos escarlates
e fluxos interruptos
tudo oprime a palavra defunto.

(No meio de minha morte tinha duas pedras
alicerces de lápides, laudos de basalto dos nomes
e das datas irrecorríveis, como decretos nus).

Tudo abrindo nervuras novas
na folha do outono já flácido.

02.11.2011
Após velório poético
(confessando-me)

Tuas mãos detêm o sal da palavra
que salva pomar das manhãs inteiras
tua boca traga lábio do porvir.

Dura rio seu poente como pássaro
que não aflui da pedra nem do pânico.

Respira ainda deus moribundo
que te emprestou o sopro
(que provisório alento instilou
em tua alma de sombra pelas aéreas narinas).

Do som dos olhos
da água amotinada
vem o amanhecer da palavra
na pedra do poema encontras
dilúvio de lápides
porque adoras rumor de epitáfios recentes.

REIVINDICAÇÕES PARA MORRER (12/2011)

Estradas da vida são escuras
estreitas sendas do ar ermo da alma
caminhos são de abrolhos sólidos
e hóstias compulsivas destoam
de cada passo passageiro que doas
a quem morra na hora antes de ti
mapas foram apagados
com pegadas dos deuses ardendo
gesto não é potável
geografia está morrendo
coração queimado
como círio abandonado no escuro
de um átrio sacrílego
os domingos soçobraram no ambíguo

duodeno das engrenagens alcoolíricas
nenhum substância nua ou pulsante
substitue teu rosto mortal silente
porque alma vem do sopro da carne.
Solidão te espera
no empório dos ossos (que servirão às cinzas do teu nome)
num umbral esquecido de dezembro qualquer
(em que Capricórnio espreite)

eu devir desordenado
de futuro fútil
amestrado da palavra
embriagada

operário da indústria febril da sombra
cria do demônio da usura insaciada

nu para que a vida me poda

e na pele da alma se incruste
lenho de treva, látegos de náusea

como dardo ou cubo
cravado no rosto a hora
cava sulcos, empareda o fluxo
pouco a pouco nuamente dissolve o corpo

espesso nu sou presa
de cada minuto que corra em minha veia cava
que sangra da hora que nela ferve

como relâmpago aberto no iodo
como clorofórmio aninhado na narina
como tigre listrando meu nome
desisto do poema para morrer
do tecido desarvorado do tempo.

Há uma falha na relva, uma
agrura no espelho
(vocálico eco amaro e bucólico)
há um rosto na sílaba
um preito do espírito
sem nome
há uma álaçre flor
nascendo do vaso do ônfalo
há um veio de silêncio no sal
secreto de minha veia ávida
há um alarde no intervalo do poema
há o lenho cremado na pira
consonantal do fogo
que alitera o céu da água da boca
há um círculo me atando a nada.

A hora me embosca o rosto, abre
trégua no tráfego da alma
na via expressa do corpo
em que ego embala o gosto.
A hora ara carne e alma
arranca deles nacos
e joga fora (à porta dos cemitérios de pedra).

Sob jugo do fogo
ébrio ou heleno
ávido heraclitiano nu
em jorro conjugado
com água lustrais e duplos banhos
alicerço a alma na palavra
e morro no poema.

Tanjo rios mugindo em Évora
para aprisco das águas lusas
corbelha de abelhas preparo.

Os cajueiros de Sílvia Hansen
são prenes de piões vermelhos
frutas de lenho, alma de cerne
roliços madeirames, esferas de uivo caprino
ou adúltero.

A pátina interrompida, o caju
nordestinado de Mauro Mota
espreitando a palavra poema.

Vogais pegajosas
o sexo do milho (Eros é um sabugo)
sêmen de ervilhas, amêndoas pias e viço
de orquídeas viris baunilhas vãs ilhas úmidas.

Tudo a espasmar no poema
do vômito das palavras na página
a mancha úmida gráfica
enraizada até o ponto final a lavoura da loucura.

Grãos de mostarda
na cova da página.

Luas azeviches
sóis de azedume.

Da cambraia da palavra
o som do silêncio (crótalo sem guizo)
a boca da náusea
o vinco do poema
marcando a página
a candura da palavra
poética salvífica
abortando o medo da alma.

Temores arados
messe de vida
abrindo veia do búzio.

Intacto abismo, ciranda de Paulo (giestas de Horta)
cios de água, pretos de rosas morrendo
pedra ébria que floresce da caatinga
como hipótese do cardo
ou cogumelo da greta.
Como fértil morte
cardeiro enobrece a sede.

Da respiração dos pássaros
extraio o sopro, tanjo
céu alado a meu olho hínico
com alicerce da mais sólida ave (ou valia).
Sulco abro na pedra asteca
coivara de ossos acendo na noite
para iluminar água convulsa
beleza estocástica.

Onde começa o tempo nu ou a mulher
(só Deus sabe?) o poeta especula:
o tempo é uma página
do livro geral maior de Deus
que é a mulher.

Nem o peso da lua, a flauta
o beco, ósseo rumor da rua
lampejos cegos da usura
carboidratos esquecidos
moléculas de fôlego
perfumes suspeitos
sais do fogo
seios clamorosos
e ancas estupendas propiciam
distinguir a mulher:
ela é ímpar fruto da diva sabedoria e justa.

Impurificado pelo silêncio de linho
imaculado pelos sábados do subúrbio de abril
pela solidão do sal salvo
ombros inesperados da lua no umbigo
amanhãs mortos no bar noturno
sobre a mesa deposta a solidão vou
a vagaroso céu de sempre
a bulevares desertos da sede
desejos já saciados, o bruxoleio
de uma tarântula no asfalto cintilando
suas quelíceras macias me amando
na câmara ardente rosa
flor morrendo na calçada cariada
do asfalto epigástrico vômito azeviche
do outro lado da vida expressa
numa xícara de café já frito
e Deus espantado
com a crueza de Suas criaturas.

Cardumes dos séculos
deslizando entre ásperas luas de pedra pômes
ondas de areia, dilúvios de pó
agitando águas cronológicas
em camadas como dunas
as montanhas dos anos
debruçadas sobre a planície da alma
os rigores, as benesses, cones, suores
 cravos, estrépitos flácidos de glória
e estilhaços do tempo (mariscos das horas)
tudo o que leve à preparação da morte
(a contabilidade inexpugnável dos dias)
uvas do viço
pausas do gozo.
(tudo é humano
nada é divino).

(de Cardumes do tempo)

Luzes espetadas (ou coaguladas) nos olhos
como espadas sonâmbulas (de facínoras azuis)
relâmpagos das vértebras, clarões de ossos, insólitas luzes
epinícios, intestinos
e enxames de vésperas

 a iluminar silo lasso da palavra.

Tudo no tempo atormenta, o gozo
logo é náusea
a breve volúpia vira dor vital longa

a imensidão dos meses inunda o corpo
envenena a veia
 nada detém
esse ósseo vórtice, fluxo de impiedade célere
sucessão de cansaço, desânimo, tedium vitae

o tempo crava-nos sulcos no rosto
vertigens na alma (ou escaras).

Só a ruidosa (e negra) melancolia resiste
(e não naufraga
 no mar imperioso das horas.)

Só a morte dá a última palavra (poética?).

(de Morte poética)

Infernos não são noturnos
são claros, ecumênicos, indubitáveis
límpidos como pássaros, tênues
como voo de folha do outono
breves em sua eternidade carnal
recônditos porque habitam-nos o imo
certos como a morte ou a abelha.

Sobre édens, sobre ondas infiéis
e náufragos escolhos, óbices corporais
pálida bandeira da alma inda tremula
e eu contemplo o atlântico sal
do convés de minha casa de água
de uma janela perdida de Boa Viagem
(fístula, istmo, féretro)
a metros do Parque Dona Lindú
perto dos arrecifes de meu rosto
à beira revolta do mar (que não é morrer
nem é picado mas translúcida paixão
trilha sem ventre, itinerário úmido da alma tralha que sou
da pedra ébrio singlar)
defronte à lua (perito fervor do Recife
anima estro dos olhos fazer da rua do prêmio maior).

Até que esquálidas luzes da alvorada
desanguem pudor de estrelas pálidas
do pátio dos olhos do desmesurado fulgor preso
o infiel planeta dolente balindo
ante longínquas águas vindas da madre África cabrito ímpio
(quilha e lenho, pátina e volúpia
nau celeste, eito de água, cofre da diva voragem)
enfrento mar aberto (de coxas rochosas de coral)
e livre das palavras almejo e saúdo
sal da língua que são lágrimas de Portugal.

Penetro cela de mim mesmo, abro
masmorras celeradas do id, crivo
dor no muro de lamentos e solfejos
de que me penitenciário.

Já a noite erra (agônica pária, mendiga dúbia
ébria deslumbrada
como touro do labirinto de Creta
como ventre de um concerto sem data)
no páramo de meus olhos se entrega
da textura de meus dedos pasmos
selados de silêncio gelado
e cílios calados busca
conforto de uma manhã desvairada
alvoroço de uma aurora enterrada.

Sigilo eleges como salto
para o outro lado do sal
ou coração de alfazema abro (feto alfândega)
como janela para treva ou canção prima noturna.

Cardumes velozes de tristezas conduzes
a mares mortos (águas enterradas)
a asilos loucos, a dores de gemidos despojadas
urdes carícias de alados musgos
do limo surdo da Floresta Negra extrais
labaredas duras e unguentos noturnos
de húmus centopeico onde Brecht orou
à prata de uma truta
num fio de sol filtrado, réstia esgarçada
pelas copas altas intrincadas, ralo espesso, árido
onde está o poema pendurado
como saliva ensandecida
do lábio tão frutífero de Heidegger
a loucura da palavra escandindo.

Do céu escarcéu, da palha
fogo espelhado, empalhada agulha
pilha de pássaros levantando
célicos alicerces
a celeuma do lume
matilha ilegal de brilhos urdindo
a vertigem das nuvens imaculadas ainda
sobre os olhos da janela do mundo
a alma ilesa, o tule de tudo, lince
do coração salto alado e imortal.

Espero que chão corrupto
me receba inteiro
com seus pêsames, pás, lampejos
incrustados na lápide
como ferida ou círio duradouro
(entre duas fatias datas fatais apagado nome)

e terra indomável me traga
meus ossos desçam
a seu esôfago
a cova escorreita
abrigue toda a certeza
que tive da vida trânsfuga
e de toda a divindade
em que cri ou temi.

De sua terrível bocarra
que sempre nos abocanha
escapem parcos ossos
algumas sílabas vitais.

Que as mandíbulas irresistíveis dos gusanos
tenham certa (e muita) piedade de minha alma pequena.

E da digestão indigna
da terra me devorando o ser
reste algo do original barro
misturado ou ao lado esquerdo
do nada de que vim
para onde voo ao chão de mim
ou ao puro esterco que minha entranha gerou.
(Ou há de gerar sob dínamo da larva).

Fique um fio de alma preso
ao intestino ávido do barro
alguma meada do alento percorra
os sulcos da terra removida
para me caber
e a meu caixão insulto.

Senda bem urdida (urdimbre ametista)
por pés que peregrinam
cruzados caminhos (sem pérola, ostra, esperança)
trilhas extenuadas
o quartzo dos atanores já cansado
a pira dos mártires em frangalhos
o mergulho das lâmpadas de algas
nas águas da pausa entre freáticas labaredas
choro do crocodilo
de lágrima metálica
sobre a cidade
a sobriedade
sobre o cálcio
o coração das válvulas

Heráclito saindo do banho
das águas elementares
para a pátina que Platão
espargiu no ser (indefeso ainda)
o leve lençol de sombras
a sintaxe da máscara
que vigiu até a indeclinável alba
que Heidegger abriu na página
do mundo da alma vazia do sendo.

a João Marques de Garanhuns

A sílaba deflorada do subúrbio
a rosa dos esgotos, lua de lata, prata vândala, usura viciada
cães de quartzo e a nudez cambriana
na selva dos restolhos aparecida
entre cambraias de domingos sem ramos.

Rota estrela erma e adúltera
do rosto escuro do céu deslizando.

Chuva vadia insuflando hastes de milho
e esferoides de feijão no céu do chão.

Nas minhas veias rasas
a morte da palavra
sílabas da lua
vogais inconformadas.

Intraduzo a terra
a que destinaram a alma.

Desconheço os dedos
com que me desfiam as parcas.

E a sombra que se apodera do nome
chamo de pátina ou máscara.

Cravo ao longo do enterro da lua
lápides no seio claustrofóbico da noite.

Bebo da água elementar
do fogo crucial me desabrigo.

Sou gleba indefesa, poda, catadupa
palha e agulha, fremo e dessangro.

Me devora a terra
com seus dentes metafísicos

Molares de abandono
esôfago de macio cotonifício.

Tantas vezes perdidas
vi o céu circunflexo
e nauseei
a meada da desdita
no convés sonâmbulo
da madrugada marítima
e vi o eco do sal (brilhar na proa atlântica)
ou o traço que estrela avulsa
deixou rasgando céu tão grave
daquela antenoite longe ainda
do arrimo portuário de Funchal

Sei que morrerei do mar (indomado como eu)
ante lume fátuo e breve
de cristais noturnos e viris
caídos de estrelas amantíssimas
mas inventadas.

Quando eu chegar à morte
apenas direi: que escuro!
mais olhos, mais olhos
para ver este deséden
esse absurdo!

Quantas sílabas navegaram
na atlântica odisseia do meu nome
consavelmente entre cardumes de espuma morta
e grito surdo de aves erguí
catedrais marítimas e profanas
e dependurei na gávea
bandeiras de gaivotas
com as cores do arcanjo
ou os esquadros do gajeiro de Mutis.

Quantas vezes exatas a noturna onda encarei
da guarita do vento
do convés sem esperança
ao balanço do gelo
e malte cortado do copo
empunhando o poema
como mártir da palavra
ante lápides que a brisa voraz
crivava em meu espírito
escrito com sal atlântico?

Chegarei à épora final
como quem chega ao pé do lírio já frio
como quem devora papoula flácida
e cones de orquídeas recolhe
agonizando ainda
como quem roxas dálias hasteia
como último gesto vivo
como quem rosas esquece
sobre o peito
atadas a frias mãos

dedos engatados
a digital engrenagem e pálida
tentando última prece ante
pá de terra final
cujo eco oco balindo o escuro
com a madeira ou o metal
do caixão é o termo final
da alma e do campo
iludidamente esculpidos por Deus.

Todos os arquipélagos da alma
todos os pélagos da vida
todos os apegos do espírito
tudo o que respire (inclusive pássaros)
reúno na folha nua do teu seio eriçado
ao apreço da boca dedico a nudez
o orvalho sobre a relva, a toalha
de estrelas da noite indecorosa do fim
as filhas do outono que me abandonaram
amontoadas no chão órfão do pai verão
todas os relevos, geografias do ventre
luas de pentelhos, cios encardidos
sêmens já vencidos, falos sem riste mínimo
a busca noturna de ti, os anelos amarelados
as certezas devolutas, os orgasmos procrastinados
as asperezas dadivosas e vozes macias da máscara
tudo inclusive gáveas enferrujadas
e pássaros de oliveiras no bico, tudo
não mais encontro em ti
nem mais no fim de mim.

Naipes escuros me esperam
na mesa da vida para
jogo vital
para cartada final aposto
meu espírito
e a pouca carne
que me recobrir osso solitário.

Pássaros de rosto negro
sobre bagens de lentilha chegam
e se desesperam bicando
sementes voraginosas da mostarda sobrevivente.

Vendo tendão d'aquiles metálico
laminado de incansável aço
reforçado com meias de malha da alma
blindada contra jatos de bazuca
obus troianos, lanças imigas
gestas dopadas e carnívoras vendetas.

Todo o lume da carne extraio
a fórceps brilho estrangulo
buris alimentam a mão
(onde berram entre dedos estribilhos)
arranco toda luz físsil ou quaternária
do mais escuro do ser (sigilo de Deus, o lume, a senha)
transporto com apta impureza
à baila da tona da alma (porto fechado ao corpo)
todo o seu lodo, pátina e máscara
todo o seu limo e suas certezas mais cruas
irrespirável borda de acenos ao ser
e me escuto claro em meio a tanta treva
em comunhão íntima com essa multidão escura, torpe praça
a essa caterva de temores vãos e vis vaidades vou
e me trago a essa claridade trágica
(a esse porto sem esperanças me transmuta)
inteira mas perturbada
por fantasias lassas
e verdades sem ventre.

Taça perturbada
de bordas pecaminosas (abruptas como um beijo)
com vinho paranoico
deramado dos esôfagos senis
para gáudio do êxtase ímpio
de teus lábios esquizofrênicos (mas puros)
ofereço-te à mucosa ávida
de sabores proibidos (cios à boca vedados)
à garganta profana (ardendo
como pira de mártir sem lenha, coivara de desespero, cinza de luz)
do vinho do meu nome velho te cinjo
junto com meus loucos desvelos (ou mostos já pálidos)
e furiosa sede de ti.

Serei supremo e absoluto sol trêmulo.

À luz dos meus músculos lentos diviso
túnel sem ventre ou música minuciosa
e minúsculos instantes escuros caem-me
como repasto do abandono íngreme
(que me alpina e devora)
gemas que margeiam o abismo
safira intransitável da veia
ouço no fim obscuro (lascivo mas irreduzível)
rumor noturno que adorna a vida (de dor)
chamas alteadas vozes, cinzas desertas
e cavaleiros destruindo o crepúsculo
as últimas hortas comburindo o escuro
espreitando nichos de claridade (do ocaso)
com seus olhos de carbono
e garras azeviches.

(Os lampejos agônicos do acaso
com os alfanjes reluzentes da sina
apago e o martelo do relâmpago
quebro).

Eu morrendo em teu corpo fecundo
túmulo de meus desvelos, a lápide
do desejo eu riste vivo
nossas bocas esmagando-se
como loucas amapolas de setembro
ou animais impudentes mordendo-se
êxtase desfazendo-se em gemidos plenos
linho do lençol estuprado
cubo aberto do gozo jogado
na mesa do corpo e da alma
(última e crucial cartada ao nada).

Tu que saqueaste meu sexo
tempestade num lascivo grão de mostarda
centauro domando unicórnios arcaicos
luas empaladas, linho estuprado (vísceras brancas pífias)
se viesses a me implorar o gozo
forma da volúpia material (não ímpia, sacra)
aquário de brilho inexato
lagarta pousada no milho da palha
se me olhasses o soslaio
a inquietude das horas impressas na alma
forma do tempo na face debastada pelas horas desalmadas
lembranças saqueadoras
sequestrando-me a treva
perguntando-me

se uma luz dormisse em teu corpo
eu ainda a alentaria?

Beijar a morte não é obsceno
nem tocar-lhe a genitália torva
bolinar a morte é muito humano.

Sonho ancas nuas
a cânfora dos teus dedos
o toque ritual
boca e falo ávidos
o perfume náufrago do teu ventre inteiro
cios da página, desejo em riste rígido
todos os cânticos noturnos do teu corpo de acanto
à disposição de meus anelos insanos, mas pios
os recantos do teu ser visitados
até a sofreguidão dos ângulos
e estremecimento final da carne
no lençol rendido crepúsculo de linho
nas faces sulcos que o sal do suor legou.

Da garganta fecunda das guitarras
da fêmea forma do corpo sonata de carne
extraio acordes noturnos buliçando-me virgem ouvido
músicas desvairadas
de oboés naufragos (e fecundos)
e díspares tambores selvagens
a púrpura da aurora a teus pés
o mosto do viço aceso, seu brilho
apunhalando taças e lábios
a vasta morte indecisa ante
tão lauto cardápio de vida
os olhos da ardente madeira acesos
para sempre com teu ar de incêndio noturno
o pudor da água balindo, a vastidão do mar em sigilo.

**(Na mulher começa o ser
começa a ser o mundo na mulher)**

Aqui começa a mulher
aqui não tem fim
só mulher e começo
sem fim
porque mulher não tem fim
é mais que eterna
e infindável em si.
Aqui sua carne esboça o futuro
de porvir é o sangue fêmeo
de alfa seu espírito sem ômega.

O tempo em ti toma alento
quase se ajoelha, teme
que o detrates ou desprezes
pois és maior que ele.

Aqui começa a mulher sem fim
agora a costela é de luz e carne
o coo ficou o peito infame do homem
e seu falo sem orgulho sob impulso
de míssil químico para levantar voo sem ventre.

Urze ardendo como um coração pequeno
vento nu lavando desejos
mulher de ventre escarlata pudendo-me
pudor abandonado todo
pão mordido pelos dedos (dos ratos e dos homens)
na avenida principal (main frame)
tetas comovidas com meus beijos úmidos
ruptura das algemas dos temores
amarras esquecidas nas estantes
inúteis dos livros (com pejo)
ágios íntimos, desprezada usura
do corpo sem sentido (ou serventia viva)
torso de música, escabelo partido
chama a desavivar temor dos outonos
à tona das águas brilho leitoso da lua
a lembrar leito frenético do corpo
incêndio das ervas despertas do sono
ventre do tempo, fibras do escuro
tudo a conspirar por nós.
(E o cio dormindo no gozo).

As vísceras do tempo expostas
o baralho de Cronos aberto em copas
na tábua das horas a paisagem crua
da passagem sem ventre ou finalidade
o naipe da duração em uso (susos ou suínos)
às manipulado, todo
o carteadado do enigmático Deus
na mesa aberta dos homens

a carnalidade da hora (crucis et cetera)
nós, cromos, urnas, lenho e cerne do trânsito
trêmulo das coisas, a alma
numa cartada insolúvel
o trunfo, a fraude, o blefe de Deus
escancarados sob lâmpada extrema

cítaras esféricas, búzios cegos, salmos, migalhas
de Deus jogo da vida e da morte
não menos cifrado
os fatos da senha (a lauda, os selos)
e sigilosos intestinos do porvir abertos (sem capas)
em copas humanas

efêmeras rodadas de sempre
as cartas do destino esquecidas
na mesa fraudulenta dos homens.

O que se expanda do corpo do lírio
da face da dália, da haste do dolo
de uma flor de velório

o que se espera de uma rosa
e sua murcha sina e breve

o que se inocule de estrelas
num horizonte de eventos negros

(o que a este mar cego se alimente
eternamente)

os gestos do fogo (o berço das chamas
o maiêutico incêndio de Kavafis hebraico
o relâmpago do infinito Heráclito)
é de linho impuro e lento cânhamo sem afago.

é a verdadeira dádiva de Javé xerife do universo
bigbanguando pela eternidade infinita afora

toda a messe do silêncio
todo o mênstruo da aurora
os muros demorados da memória
(erguidos em torno de teu redor escuro)
a seda fecunda da lua sem fervor
os cílios solenes do sol
fagulhas do sal, pomares abruptos
sombras das vésperas, tudo
unta-me de ti, tudo
sobeja-me e completa

tudo é uno e nu em ti.

(Nada sobra de Deus
pois do nada Ele fez tudo
com o sopro do barro, a luz do verbo
a aljava de relâmpagos no ombro).

O poema anterior foi para
debulhar o brilho e dar viço
à esperança do aroma
(que inoculem de estrelas os filhos).

A TONA DA VERDADE
a um trago de single single

Do copo de uísque a meio
(duelo de água e malte) florescem cravos
e rosas sem ânimo, flores estéreis
do iluminado cálice dos teus lábios pálidos
(que silêncio habita de parede e treva).

Como sal e arruinado sol
estou escuro em meio
à brancura ímpia do abandono.

Viola estiolada, urge derramando-se
da boca dos incêndios sou eu
ouro carnívoro devorado
como hóstia de mentiras
(e falsos desvelos)
a beira da verdade é escura, seu fundo sem fim.

(O ou(t)ro é o inferno de prata)

Força motriz do sal na veia
e do silêncio na alma
me movem ao nada de mim
máquina de vital desânimo
crucial mecânica do espírito viva
luz apunhalada de escura máscara
som abisso, canção violada pelos olhos d'água
marca de coleira férrea da alma
de quem foge da cruz do destino (para o cravo íntimo).

O aroma morreu, o que restou de ti
foi um rastro indeciso (ou falso)
de dor acelerando-se (celeuma cordial)
como pegada monstruosa da vida
indiciando o caminho para o fim exato.

(07/10/2011)

Meus dedos vazados de nada
por entre eles escorre náusea
minhas mãos no patíbulo da prece eretas
em pose de oráculo ou mártir o corpo
a voz inveludosa lacerada pelo letal açoite do silêncio
(de alumínio, lentilha
do átrio da boca pendendo como lombriga do ânus e mácula metálica)
a migalha de uma ladainha
que o lábio despeja com restos de beijo (e vômito avulso).

Da tribuna do crepúsculo a alma implora
mais escuro

 a vida perora
 a hora o sino escora
em favor da morte eloqüente
procrastina a dor, se rebela
contra selvagem disposição do ânimo
em desfazer o poema consentido
de dar à palavra tino.

VOLÚPIA LÍQUIDA

De um bunquer poético
da praça culinária do Skyllos
no texto de operações saborosas (teatro de saliva)
do Shopping Center Recife
cercado de taças de amendoim
e certos nacos de filé
corteados por batatas esplêndidas
atiro súbito tragos de single single
acerto a própria boca trêmula
sinto vibrar a alma
com o prazer do corpo.

No mundo que tu demoras
e areia abandonou
desmorona primavera
vento rasteja, abismo ora
nenhum braço de mar alcança
a cintura das estrelas
e o primeiro crepúsculo
já nos acalanta
com suas cores adúlteras.

Já adormece a página
onde o poema resvala
e nítida sombra apunhala
a dobra da capa.

Mineral dia lapida a tarde.

O ventre do tempo é pando
seu abdome rachado
sua boca despeja
cápsulas de horas na incerteza.

Rio interior o desborda
a ribeira do tempo é farta
de açucenas passageiras.

Da ébria amurada da nau
vejo Rimbaud caindo
do cais de areia
a deserta palavra
na usura da algibeira.

Indo morrer em Marselha.

(Razia de pedra embandeira
mastro embriagado da nave).

Rimbaud volta d'África ardendo de dólares
a cartucheira monetária, cintura dolosa
e o câncer alimentando-se do joelho
Rimbaud chora.

A pupila lança-se dos olhos
para a janela
da igreja da alma
fica o baço reflexo pregado
na varanda baldia do espírito
e os rins de janeiro estupefatos
esperado ruir do coração de dezembro.

À mutilada acácia ofereço
o lenho do rosto, a haste
que vento alenta, o deposto
lume furtado e molhado
da bilha de estrelas. (Do aquário do céu).

Porque o podre adubo serve
também ao fruto.

A essa era hirta
de dores sem parto
a esse trabalho sem ventre
de treva e não futuro
de lume cadavérico
e rosto adiado.

Fermenta a carniça
o podre se reelabora
se recicla
o lixo hospitalar em Pernambuco

pedaços de cânceres
e vasos de plasma
delícias da usura americanalhada
estampas do destino
futuro via Brasil
treva S.A.
o futuro é da larva
ave, gusanos
a xenofobia é uma lástima
vinde contêineres
com ataduras sangrando
agulhas vazadas e velhos pâncreas
arrancados do povo afegão.

Tudo acidulo
as virilhas, a saliva e gengivas
dos tubarões gananciosos. Tudo.
Na conta de ganhos e perdas.
No balanço de cinzas
das quartas-feiras.

A decréita vulva
o falo impotente
a sementeira cega
o resplendor sem guarida.

O açafão sacrifico.
Seus fios de ouro e anáfora.
Seus tufos, suas corbelhas ralas.

Na ilha de cambraia
na pedra toda branca
deixo poema sujo
reviver nome e lenda.

O tempo é de pedra. Não é de baunilha.
O tempo é rosa e efêmero instante.
O tempo é cardume de orquídeas efêmeras.
O tempo dissolve ácidos e lençóis.
O tempo não aceita continências suspeitas.
Ele tem artérias, veios por onde corre
vazios que deixa conclusos porque é possessivo
e absurdo.
Dunas de pássaros, ondas de canto, hipóteses brancas
ele elabora em seu trânsito sem ventre.
Viola veias, desmorona nomes, estipula dores.
Porque tudo é naufrágio. As pedras do afeto
atira nos outros, acidenta os limites e áspero
tritura o rosto como dinamite a pedra.

Geografias o alimentam. O tempo.
Copula com o silêncio. A todos abomina.
As arquiteturas o temem. Os vulcões dele
esperam tormentos. Rios de lava
e cinzas chilenas ele comanda
e tudo transmuda
o tempo sem pena.

Os intestinos do tempo são cadavéricos
apetrechados de pústulas de horas
acavernados como maracujás morosos
empedernidos mas honestos.
O tempo acoita conchas devolutas
do nácar faz a pérola, do casulo o tecido
da abelha mel e zumbido.

Os músculos do tempos são imensos e solutos.
O tempo vive de plânctons e sais lamurientos.
Das tragédias da caatinga. Do urdume das estrelas.
O tempo banha-se das águas elementares.
O fogo é o trapo que veste para fulgurar.
A terra é o seu tecido mas sua trama é o espaço.
Ele ama bacias onde naufragar seus temores
e desentendimentos com os íons do infinito.
Ele é plural e antigo.
As planícies do infindo ele percorre mas não conserva.
Enfuna suas espessas velas
e parte para suas odisseias
em nossas veias.

In memoriam eu.
À melancolia e outras cólicas da alma.

Pelas estradas do corpo me perco
ante viris oráculos do gozo
ante estros do êxtase
e catilinárias do escuro

teia negra estrada
olhos ígneos
cerne amado
deixamos na estrada.

A sina nos leva para onde
por que caminho destino nos traga
como carga?

Pelo bátrato a dentro apocalipso-me
e putrífico.
Libertando a aorta de seus rubros dividendos.
(Até a melancolia tem sua usura, seu ângulo fecundo).

Como abandonar-te saguão tão lodo
vândala iluminação despir os lustros
como desprezar-te umbral devoto
ou negar-te o sopro verbo sonâmbulo?

Como deixar que a chama rastreie teu dorso
ou crema o mamilo minha mão ardente?

Como não esculpir teu nome com minha letra trêmula
que retirei do poema?

Como não sucumbir ao perfil
que o silêncio traçou de ti
num ditirambo?

Como não deixar sal inclinar-se
ante altar do teu corpo só carne?

Como negar ao escomburo o abandono
que me destinasses?

Concha exuberando
o púbis desencantado
perolado gozo extraio
com gemidos barrocos
do teu corpo de nácar e carne.

Gótico êxtase extraio
do lume da alma
para iluminação pálida
de mim.

(Confesso)

Do feudo, a propósito, não falo
calo a feudalidade deste instante.

Dos entreabertos lábios câncer pendendo.
Um escada até os desmandos dos anjos.
Estrelas acorrentadas ao chão duro
à aridez da era.
Décadas de silêncio estranguladas
no átimo de um grito.
O escuro do quando bem claro.
O frenesi das raízes desarvorado.
Luz escurecendo o nome.

Além dos círculos lodosos
além do ciclo desesperado das águas
num meio em que distilam puríssimo mau
(homens com lume roto na mão de moinho)
onde o pasto da sombra impede
o alimento da luz
onde nítido estertor do barro ouve-se
fácil o físsil tempo abocanhando átomos
e íons celerados buscar abrigo
no coração intacto da pedra

e quando não houver mais o haver
quando tudo consumir-se
em podre desperdício supremo
quando os haverás morrerem
e os espíritos desovarem
seus fetos principescos e furtivos
mas imprestáveis ou insanos?

Quando nem o além houver sido.

Do outro lado do ângulo
do lado de lá da gleba
está o nome depois do calcanhar
esquerdo de Aquiles está o nome
a grama, o sangue estão depois de lá.

Vou até o tendão de Aquiles
que a sombra das setas exila buscar o nome.
Por mais adunco, arado, corrupto que esteja.

O sacrossanto nome do poema.

Senda não me deixes
não abandones meus pés
reiteres o rastro enevoado do puma
desvairado
no molde da areia em que o vento
grava seu ditame
espalha a sina impressa no pé.

Como saber
que o vazio não existe senão
imerso no nada em riste?

Ímpeto do espírito
sua labareda indômita
seu estribilho de dor, a bilha
de sua luz apunhalada
o turíbulo, a cloaca
o vandalismo de sua hora vaca
a idólatra ternura que o performa
mas estrangula

as usinas dos desmandos de tua ira
os impérios que erguestes e dobrastes

os eclipses inúteis que percorrestes
à luz do cóccis, de lume e treva comungando
hóstia escura alimentada por demoras.

Aprendo com a bagem da serpente
que o som é concêntrico e grave
como a morte (que nele pendula
búzio sem trégua, antídoto distante)
e tremo com o riso da cascavel
esquadrinhando-me o rosto
mas me tenta o espírito à colméia
e ao exame do enxame
a que eu chame de chama viva
surpreendo-me o olho penetrando favo e pupila
pasma pela geometria octogonal e perplexa
da abelha lúdica no voo nupcial lascivo
bem como pela matemática do mel.
Acho que Deus ousou nos cálculos da borboleta e da abelha.

Do ventre do uivo retiro alento e vislumbre
e sonho com a noiva de Lorca
e seu vestido errante rodrigues, estilista andaluz
o pacto encenado no ato nupcial
o silêncio dos sinos tocante
a boda primeva, rosas
depauperadas pela demora
do pároco retórico.

Da vidraçaria que segue
a casamento tão inconteste
fica a mandíbula de vidro da vulva
e o irresistível hímen rosando.

As núpcias nuas, o liame rompido
a beleza da cópula, o esplendor do púbis. (Tudo é Lorca).

E tudo deveu-se aos costumes
a ópera imprópria, o trevo avesso
o hino sem viço, a pausa de areia

tudo como se

como se um pássaro
soletrasse o voo
com sílabas aladas

como se a épora propiciasse espelhos
para vertigem das tangentes

como se o rio se atravessasse
de losangos de água

como se Deus aticasse luz
dos olhos duvidosos
de Sua arte cósmica.

Milícias azuis soltas na tela
no umbigo da uva a sombra do mosto
a relíquia e o delíquio de araras
expandido o tempo, cores gritando
maechuis abrindo-se como
arco-íris portáteis ou umbelas de dezembro
são sensações que trouxe do ateliê de...

O que fica dos arcos, dos anjos, da morte
além da ausência do ego no mundo?

O que duas doses de arak não resolvam há?
Pergunto ao copo meio melancólico. E a taça
apressada responde: Não!

Hímen e prepúcio aliança do mundo.

Ternura e cenoura não faltem nem sobrem.

A respiração do sax no crepúsculo
a melodia se alastrando na mesa
de um bar divino (de Boa Viagem).

Gaivota elege a proa
para meditar de frente pro mar

as grinaldas das águas gotejando no rosto alado
o buquê das espumas adejando o olho vítreo

filamentos da lua electrocutam o convés
enquanto sopra vento do mar natal

as pequeninas lâmpadas das estrelas
decorando a noite clerical.

O claustro das águas noturnas
a sombra de uma prece d'água

espalhada no convés
para êxtase de Deus.

A lacerar a relva o pé descalço.

Vi e ouvi o uivo
de cada ângulo da noite
claramente
como se ouvido
fosse vendido no mercado.

Alento que Deus incutiu no barro
deu-o também à mão. Daí o poema.

**TESTEMUNHOS SEM VENTRE
(ou perdão)**

O homem é um poente vivo
noturno orvalho o ilumina
sua pátina e pranto de pedra.

Sobrevêm dores, trevas o consolam
com saís insurrectos ou desnudos
como a pátria escura do corpo traída.

Rios de sede morrem
a cada noite árida da alma
a cada instante último
do íntimo convulso.

O que drena a sede
o que dura a sede
a voragem decide.

Odres bêbados de sede.

Dentro do inverno o limo do bronze
trama que brilha, vertigem nua
frio de porcelana, alma ardendo

brilho azul dos olhos
solidão escandalosa do lírio
flores que resvalam na sede da água.

Sede que embriaga odres.

Rumor de áscuas ascende
a pântano da alma
o gladiolo resfolega
rosna o asfódelo
chamas dormem na lenha enluarada
de cada acha de palavra salta
fagulhas de vocábulo, fogo sintático
e tudo se empenha ou contamina
de cerne aluado, as espigas, os sabugos
o silo todo do verbo sofre de insânia
e os grãos de pedra florescendo do sono
rosas rochosas desabrochando
em cada vão de treva, de cada cova viva
a recordação da neve sonhada suja

pelo sangue que do justo vaza
as corredeiras incólumes da injustiça
acumpliciadas pela corrupta realidade dos dias
arruaças premiadas, estupros comemorados como gois
medalhas de desonras sempre cunhadas
os peitos dos malfeitores estufando
a vida dependendo de uma sentença injusta
exarada contra o sangue dentro da veia da desdita
vereditos carnívoros, as colmeias das culpas
degustadas como favos de mal
levando o que reste de humano no homem
para o fundo do fundo sem fundo das pátrias superficiais
obceçadas pelo distúrbio ordens da usura bancária
sempre atentas ao que de inumano rasteje no homem.

Nada

escapa

da

lavoura

civil sonhada.

Nada da messe que renova escapa.

Rumor branco um posto
de gasolina de Milão
espalha entre sulcos e canções
que pneus deixem na alma
diesel do homem.

Som de brancura se move furioso
como touro miúra na arena sádica
relógios de musgo, estames de rosa
escrevo poema floral na hora.

Restou a liberdade vazia
o que resistiu de pedra na praça atire
no coração ermo do poeta, pedra ou lírio.

Cenas de pó, livros de asas
cerdas velozes, lenta matilha
de estrelas, sedas usadas (exumo).

Sumo de beijos cor de laranja
brilho cremoso, leite de estrela
uivo de nuvem, parto de outubro
certeza de nada, tudo é tumulto.

Sumo de bronze, cais de saudade
manada de luz da estepe parva do céu
água de cravo, bacia de relâmpago
no teu imo minha saciedade.

Cereja do olhar a lua
redonda como navalha nua
silenciosa como rato roído

sal nascente, paladar do céu
pajem de anjos, culinária mais alta
trago de ambrosia, vício de Deus

e a certeza do pó da terra
(pois de pó é a sina humana).

Sono de gueixa
lençol de unguento
a oriente do gozo
é de seda.

a ítaças impuras me devoto
minha vida é uma jornada nua
a alma ilha

Até logo, Circe, disse-o Ulisses
vou seguir reto lua lenta
de meu destino heleno até
que infiel sombra de Ítaca me devore

até quando Penélope de pedra
fidelidade de água
filho vândalo
(telemaquinando-me a morte parricidamente)
me esperem (não mais descansados)

para esvaziar-me as veias
que o mar preservou
estancar-me os vasos
as naves do meu sangue sugar
que sobreviveu da tróia vã.

Silabam as águas do mar interior
(único que não atravesssei impune)
ainda ouço vozes de sereias
encantando-me o tímpano atento

e o estrépito do mastro
ronda meu peito (monstro).

Ainda sinto brilho pesado e doce das lágrimas
de Nausicae rolando dos meus lábios
para as praias do touro de pedra amotinada.

(Guardo do leito nu onde Penélope
copula com meus príncipes o rumor
dos lençóis e das células
metálicas do colchão do amor traindo).

Laureis preparo para Píndaro
coroá-lo de plumas, de paetês vesti-lo
raízes antigas, amavios de rosas
folhas de tenra relva, hastes de dália lúdica
cortados rentes à aurora grega
para o arco do seu triunfo ardente
(maior do que de reis bélicos, bólidos
guerreiros anavahlados, heróis de diásporas desconhecidas)

corbelhas (e eunucos) manipulo
para sua glória, anteviso sino
da campânula soar a seu tímpano úmido heroico
e ao dos que recolheram devotos o seu verbo

odes já ouço formando-se sem trégua ou jaça
na garganta do maestro nunca canhestro.

De sua pátria polvorienta e empolada
(empalando heróis do Peloponeso
em pinos e cones de carvalho)
vejo o fervor dos adeptos como nuvem
espalhar as sílabas do seu canto
nas entranhas e escaninhos do lírico universo.

Os clarins e as vertigens do orgulho
e dízimos do fundo canto trago
em mim como dádiva sobrehumana e sem pátina

as pedras da contenda, triunfo amorfo do espírito
amontoo num hino, rego
com elas a boca da ágora extática e sinto
o hálito do clamor pela palavra sem praça
a cor da ovação já desmaiada.

Água desencantada, sede de Castália
dos cascos dos pégasos do verbo despregada
mina sede que devora a página
(de Hipocrene desaguando a ode náufraga)

(sem a canga da alegria
que é Ungaretti não posso
dirigir este poema sem prata)

sede habitando os líricos lábios devoradores de Gide
(Nathanael e Menalque brotando dos olhos
autênticos dos moedeiros do amor viril)

o rumor da palavra ressuscitado de sua brancura primal.

A exaustão dos códigos, placas
cranianas dos magistrados obliteradas
por sismos e canções, vereditos e favores sob júdice monetário
o cordame do sono roto, mastros
acossados por sereias a escusas de Ulisses
espadas de dâmocles no ar petrificadas
(a pausa da justiça descontrolada)
a clavícula dos atlas estraçalhada
mandíbulas de gusano da vaidade amestrada
as nota da verdade culpada reluzindo (dos editais sem viço)
no chumbo das batatas, nas nervuras da toga
não mais cândida mas acinzentada
os presídios abastecidos de dólares e livros rotos
o império puro da pedra próspero ou árido como gerúndio.

(2009)

A vida descompensada
pelo peso humano do mundo inumano
construído tijolo a tijolo, usura a usura
as glórias carcerárias expostas
como fraturas do céu de setembro

o poema terminando

onde o ponto final da glória do descalabro
da impudência do verbo, da complacência
dos hímens ministeriais
heróis das massas desmoronando
como as sandálias de Empédocles
envergonham hoje os tênis da Nike.

Invectivo porque a realidade é madrasta.
Peroro contra a minha própria desgraça.

(2009)

Pecados de ópio
pencas de cálamo
volúpias de papoula.

As folhas do lábio
da árvore do desejo
os frutos do beijo.

Rumor de pó
lua uivando
a poema de pedra.

Gesto de trigo, hóstia de escândalo
da lavoura da palavra
o pão, não o perdão.

Os arabescos do horizonte de água e lua
que o mar altera detrato.

Trair o horizonte e meu lado
que a perversidade reveste.

Com apoio de belicosa tundra
e ajuda de zéfiros e bruxas roxas.

Escoltado por fadas e libélulas marcho
em direção ao átrio abandonado de mim mesmo.

Trago ao espetáculo inumano e cru da vida
a música do vazio (mais sonoro).

Deixo por sobre o lodo dessa página triste
metáforas chorando, sinédoques estupradas.

A sintaxe fica latindo como cadela de palha
no ouvido do meu verso de baunilha.

A porto de ausências vou buscar-me
sepultar-me longe da palavra viva.

À sombra do robô me escondo
escande-me fartura de artificios

me rouba o bramido do verbo
me derrota a aventura serena
simulacro do meu ser vigente.

Ninhos de rosa flagrei em teu lábio de palha
nas noites tristes que vivi outrora ao léu de ti

testemunhei a derrota das flores
o suicídio dos lírios testemunhei

dálias chorando (branca lágrima pregada na haste lenta)
nos fúnebres jardins de mim.

Sangue de opalas recolhi
à sombra mineral da dor.

Do odre da volúpia de abelha retirei favo a favo sem fervor
mal que restara do amor.

Arde em mim completa
hemorragia das últimas papoulas vermelhas

que se derrama como triste chuva
que pedra abocanha.

O que dores estranhas coroam
laureis do fracasso proclamam.

Manuseio-me como guerra as feridas
retorno a caminhos perdidos porque amo o ermo.

Pedras, escolhos, prélios que alimentem a alma
e a tornem prene e satisfeita preparo.

Fogo morto de Prometeu
usina de promessas abalada
engenho dos gestos fechado para balanço
dos abutres enjoados de fígado e caucásicas promessas.

Tântalos suplicando pela sede

a arder a solidão, o lenho
devorando a vaidade da fogueira

o império do ácido sem perdão
à espera do árido (ou do seu irmão
o desolado pátio da igreja defronte do nada).

A verdade pendurada no primeiro poste
da revolução
a lâmpada da crueldade eternamente
iluminando a alma em vão.

Os tímpanos do etíope
as pálpebras da tempestade.

Ladram candelabros quando
cão escuro espreita poste cego.

O estrépito das trevas (sua voragem branca)
auxilia lâmpadas sonâmbulas sob látigo da chama.

A caligem e o universo são irmãos.
A campânula e o etíope são sonoros.

Vou tear até amanhã abrir.
Sua boca de luz (teia que Deus teou com fiats de linho)

Ecoss já ocos da voz que morreu
recolho numa boceta agonizando
(que o rapé abandonou no hímen da narina)

abro-a só para abutres (e candelabros crueis do Cáucaso)
de caudaloso esôfago

no fundo vaso da luz da veia guardo
cinzas dessa voz, seu pó canoro ainda flutuando

cacos do eco que restaram fora
empilho sobre algumas algemas e esmago com palavras

mas que não me venham rosas de velório
emudecer de frio a voz usada como alicate

ou surrectos fios de uma bocarra de mármore
tecer revozes, tear gritos de novo maculados.

Tenho um barbeiro epistemólogo e lucidente
que me corta os cabelos à James Dean velho
e amola sua navalha de Ockhan
numa lima cartesiana com método e pausa.

Quando estou em sua cadeira de betume
assisto ao encontro de placas cranianas
em meio a tempestades cerebrais brancas
eventos sísmicos e neurológicos a que rezo contrito
(como se estivesse numa catedral de bauxita chilena).

(Aproveito e convido leitor
a um churrasco de anjo exterminador
no México, com temperos astecas e chili à Dali e Luís).

Nos portos sepultos sinto
arrulhar do sal, magia
das águas primaveris náufragas.

Me excitam palavras
(que ainda não se disseram
ainda não beijadas, reviradas, amadas).

As que voltaram do alecrim
as que se embelezam de canela
pássaros de sal em razias sobre o fim.

QUATRO POEMAS DE 2011**(de Confissões)**

Cubro-me com lençóis de cios quando me enuas.

A estas crédulas palavras do poema
a quem leitores dão de ombros largos
eu me ajoelho contrito, airoso, devoto
sonâmbulo

hierático embriago-me
de seu incólume

e adjetivo sentido.

Amo quimeras, coisas lúbricas (e áridas
quando o cacto da solidão acicata-me a alma
um tanto sóbria, farta de realidades falidas).

Toda volúpia do silêncio sorvi-a
com devoção ao grito apostólico
em honra do urro ecumênico.

Um poema é como brilho de estrela (falso
porque elas morreram há milênios)
vem lá do cosmo como a luz
direto aos olhos do coração (oco de treva vermelha)

a palavra atravessa rumores de astros
faixas de radiação excelsa
guerra de asteroides, nuances de Deus

antes de pousar na página
seu berço terreno, sua histeria
final.

(um poema)

Todos os pesos amo e doo
não os renego nem balanceio
apenas os exponho a meu ombro esquerdo

o peso da cantata e do assombro
o peso da lavoura e do introito
o peso do império e o da piedade
o peso do fervor e o da máscara.

O peso da injúria
 não é maior que o da desdita.

POEMA ABANDONADO

Numa gaveta esquecida
entre trastes de memória
e anotações leprosas
ou num estuário deserto do ego
(que os outros já abandonaram)
numa prancheta do id
com o laudo dos ódios mais antigos
o registro dos escrúpulos adormecidos
e rol das culpas ao lado do cálculo da alma
ou numa panqueca mal comida
num dissídio, numa abelha
(que perdeu seu zangão mais viril)
num lótus, numa (ou duas) baunilha (quilha de volúpia)
ou numa redoma destemperada eu

na sacola ecológica (e vistosa)
perto do supermercado da esquina
ou num escrínio enferrujado
(sobre sua cara que foi de ouro outrora)
num abúlico momento de náusea
próximo a uma jovem bulímica bem alta
à tardinha (o crânio do crepúsculo se avizinha)
quando a palavra não importa
só a sensação de ver o ocaso estrebuchando
ou o vazio crescente – e sua bandeira panda
(então o poema fica à margem do sempre)
e você não me surpreende nua.

Na cabeceira do rio morto da vida
numa balsa preta, no sal infrutífero
num guardanapo usado duas vezes por certo
o poema (num papel descartável)

num café sem cafeína
num resto de nicotina
estremecendo o pulmão
parando o ar
num pub íntimo
numa barata voadora
num copo de vinho vazio
numa dose de uísque findando
na ribeira dolente dos anos
num defeito puro do caráter
no cio jovem que penda
do seio daquela que ama como a água
nada (que a palavra não imagine).
(Ou égua não me comova).

ÚLTIMAS CONFISSÕES

**(ESTE POEMA PROPÕE OU SUGERE
QUE CADA FORMA CONTENHA UMA ALMA)**

Luzes se alvoroçam contra céus escampos
ângulos de vidro e transparentes épuras
submetem o espírito à tortura lúcida.

Céus épicos são convertidos em orações de pedra
a escatologia da luz oferece-se aos olhos como prêmio escuro.

A geometria da transparência
seu atravessado prisma, imagens de deidade
sua luz vidrada afugentam sombras inadiáveis.

Ave cristal cruza
ermas estepes do espaço
em orações de minucioso quartzo.

Dos seus olhos pulsam lumes de aço (com cedilha e cansaço).

Translúcidas geometrias, ângulos de cristal impoluto
e achas de luz não fétida

comandam a vida escura da terra
(do homem inútil de Deus).

(Geometrias de sombra o Criador
exponencial, triédrico espalhou
no olho do homem como papoulas no campo).

(Sonha-se por uma luz higiênica – e diva
que lave
os olhos e não os cegue mais).

SONETO DE 2012 (NOV)

Inscrições se precipitam
do rosto das runas hínicas.

Venho de outros tempos do verbo
para a pátina do presente insubmisso.

Meço volumes de ser
e ângulos de sede. Com varas de água.

Faço pássaros
de voo indecifrável.

Caixas de música infinita
do ao tímpano de ovelhas bíblicas.

Conjugo o verbo futuro
em busca da palavra por vir.

O infinito estar vazio
é próprio de mim.

E assim fecho esse sonho de soneto.

Todos os pactos do ocaso cumpro
detidamente.

Códigos fervilhando menoscabo.

Os intestinos do labirinto penetro
e seus lábios

seus dentes de sombra adentro
impune.

Dos estribos cerâmicos dos búzios extraio
conchas de canções
combustíveis profundos, partituras de sal
sangue de eras perdidas, grafites ecumênicos
e dias incendiados de sombras.

Na treva crua, na terra infiel
cravo meu nome (cavo sua cova ébria abro)

do hálito repulsivo e distante das estrelas
me alimento (o poema).

O verbo desaparecer é humano.
Como sombra sonâmbula
corre em nossas veias, corrói
nossos espíritos ainda carne.

Como nau milenar
o verbo desaparecer
singra nossas veias (e sangra-as tão sagradas)
sem parar até
que o êxtase morra
definhe o desejo de viver
e tudo se entregue ao escuro
de onde viemos à luz
flácida e provisória da vida

bruxelas sem confiança
amsterdã devolutos.

Como velhas paredes
lugar de todos os geométricos carvões
dos muros brancos da vida
o grafite hínico escrito:

ser vais desaparecer
feito de carne sem perdão.

TRISCONFISSÕES

Fiz amor nos bordéis de Maceió.
Deixei translúcidas manchas do sêmen vital
nos lençóis dos sábados perto da Praça do Bar alagoado
e nacos de carne amada
na tábua de sal gemendo depois da lua.
(A marca dos gozos nos colchões ainda geme).

HOMOCOITO (Confissão roxa)

Por um triz
homorrelação não fiz
(e rimou).

E por dois trizes reticências.

Fiz sexo com a mãe de Édipo
ontem.

CONFISSÃO NUA

Sinto-me causado por elementos sem corpo
por vésperas de feitos ressuscitados
por hinos de outono, por folhas de acanto
o alento foi-me fuzilado como uma bofetada
nos pulmões ávidos de espaço e fluxo, ar
de que devoto e sôfrego fogo necessita
para fender a pedra, chama líquida
odre empedernido, caixa de pássaros, lume
varre a terra, desola a alma, fuga infinita

o falo da palavra, hímen do poema escavo

sombra de mostarda, fuga para o éden renato busco.

Olho as páginas de um ventre escrito
estrelas entreabertas, coxas celestes, lumes arcanos

a joelhos de palavras me devoto, acato
mar estremecendo em minhas mãos escuras
ondas revoltas esmiuçando preces de gaivotas

mapas crivados nas linhas do precipício do rosto.

Jardim podado, mundo perdido
no interior de suas cores fúteis, adjetivas
fúteis adjetivos corroendo o poema
a branca alma da página corrompendo
moenda de palavras, pó imagético, ígneo gesto
do poeta esclarecendo o sexo
das coisas estéreis objetos sem ventre

escanhoando o mundo humano como pilão divino.

Ao coração movediço do homem
me confesso

Vozes podam o íntimo
como se foices instantâneas fossem
punhais transitórios como o dilúvio
escaneiam nossos áridos espíritos
esperanças perigosas nos acossam
nos levam do distúrbio à derrota

seguindo os instantes chegamos ao impasse.

Percorro o ventre letra a letra com volúpia
e encontro-me nos braços de outra morte
que me lê, verbo tenro, ávido, finito
como a fome ou o comício

os matches, as comendas, os intestinos
do triunfo, o alarido escuro, a pedra da página
o esquecido paramento da náusea desprezo.

Tudo o que seja degedo e manhã humilho
acácia e aurora são desperdícios
o nome íntimo da dor é sacrifício
a verdade fulgura nas bandeiras derrotadas

nada mais alimenta o homem
do que a palavra imprecisa
de que o espírito se vale para ser indício.

Céu
estrebaria de estrelas.

As trinta moedas de Judas
eram estranhas. Algumas
eram de tântalo, outras de urânio avaro
com traços de ureia mecânica.

Das sete meio conservadas
sábios ourives, sérios numismáticos verificaram
debruçados detida e tecnicamente
serem de ouro de tolo e prata falsificada.

Embora corretas de forma imperfeitas de fundo.

O banqueiro que contratou Judas (beijoqueiro)
ou o empreendedor que o pagara
era moedeiro falso perfeito.

Burlado com lassas moedas sem lastro
escapando dos dedos traidores
Judas apenas enforcou-se numa haste
triste de figueira tempestuosa.

Tenho dó do Porto do Recife.
Embarcações ao léu.
À deriva a dor
dos barcos abandonados
presa de amarras eternas.
A ferrugem, irmã da água, em festa
no cais do Porto do Recife.
Gruas sofrendo.
A angústia dos guindastes às claras.
Doe-me o Porto do Recife.